CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2207.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

ENTRE A MORTE E O SENTIDO: RETORNO À VIDA EM PERÍODO DE PANDEMIA

BETWEEN DEATH AND MEANING: RETURNING TO LIFE DURING THE PANDEMIC

Cristiano Corrêa de Paula[1]

[1]Psicólogo, formado pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR (2002), Especialista em Terapia Familiar Sistêmica pelo Centro de Formação e Estudos Terapêuticos da Família - CEFATEF (2018), Mestre em Educação pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2007), Doutorando em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica de Salvador - UCSAL. Email: cristiano.paula@ucsal.edu.br.

Recebido: 05/05/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma autoetnografia que narra a experiência vivida durante a pandemia de COVID-19, no final de 2020, quando o autor foi hospitalizado, intubado e permaneceu em coma por cerca de duas semanas. A narrativa descreve o processo de enfrentamento da doença, as experiências de quase-morte e o renascimento simbólico após o retorno à consciência. O relato é articulado com reflexões teóricas de Viktor Frankl, Maurice Merleau-Ponty, Michel Foucault, Edgar Morin e o mito de Orfeu, explorando a dimensão existencial, corporal e simbólica da experiência. O texto busca compreender como a vivência da finitude pode ressignificar o sentido de vida e o compromisso ético com o amor e a existência.

Palavras-chave: Autoetnografia. Sentido de vida. Morte. Existência. COVID-19.

ABSTRACT: This paper presents an autoethnography that recounts the author's lived experience during the COVID-19 pandemic in late 2020, when he was hospitalized, intubated, and remained in a coma for approximately two weeks. The narrative describes the process of coping with the illness, near-death experiences, and symbolic rebirth following the return to consciousness. The account is interwoven with theoretical reflections by Viktor Frankl, Maurice Merleau-Ponty, Michel Foucault, Edgar Morin, and the myth of Orpheus, exploring the existential, bodily, and symbolic dimensions of the experience. The text seeks to understand how the experience of finitude can redefine the meaning of life and the ethical commitment to love and existence.

Keywords: Autoethnography. Meaning of life. Death. Existence. COVID-19.

INTRODUÇÃO

A emergência da COVID-19 provocou, em escala planetária, um cenário disruptivo transversal, afetando toda a vida no mundo de modo simultâneo como a saúde pública, relações políticas, dinâmicas sociais e experiências subjetivas, organizações familiares e sociais como um todo. Muito além de representar uma simples crise sanitária, a pandemia trouxe à tona inquietações existenciais

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

cruciais para a humanidade, reabrindo discussões frequentemente relegadas pela lógica moderna: questões como a finitude, o sofrimento, a fragilidade inerente à condição humana e a busca pelo sentido ganharam centralidade no debate contemporâneo.

É nesse ambiente que se situa a reflexão autoetnográfica apresentada neste capítulo, construído a partir da própria vivência de internação por COVID-19 no final de 2020 e início de 2021, marcado por agravamento agudo, procedimento de intubação, traqueostomização, indução ao coma e posterior recuperação clínica. Ao eleger a própria trajetória como objeto de análise, este texto incorpora a autoetnografia não apenas como método, mas como ferramenta para experiência articular íntima e crítica cultural. Tal abordagem permite examinar como experiências particulares se entrelaçam com tramas sociais mais amplas, a partir de uma escrita de si que busca abrir sentidos sobre necessidades humanas complexas, incluindo aquelas que desafiam a representação e extrapolam os limites da linguagem (Ellis; Adams; Bochner, 2011).

A escolha pela autoetnografia é especialmente relevante quando se pensa em eventos-limite, como o coma ou a vivência da quase-morte. Tais episódios resistem à análise casual baseada na objetividade estrita, metodologias que valorizam a subjetividade, a memória e a potência do relato pessoal como formas legítimas de produção de conhecimento. Nesse contexto, o texto autoetnográfico emerge como gesto ético e epistemológico: legitima a experiência vívida, questiona as fronteiras entre ciência e narrativa, razão e emoção, e reposiciona o indivíduo como ponto de partida para o entendimento de relacionamentos coletivos.

A discussão empreendida dialoga com diversas matrizes teóricas contemporâneas, interrogando a condição humana sob pressão de situações-limite. A perspectiva da Logoterapia, proposta por Viktor Frankl (1989), é evocada para iluminar a centralidade da busca de sentido em contextos de sofrimento extremo; a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1999) contribui para pensar o corpo enquanto locus da experiência e da reorganização perceptiva diante da doença; as análises de Michel Foucault permitem (1988) problematizar o corpo como objeto de conhecimento, técnicas e instituições, especialmente no cenário hospitalar; A visão de Edgar Morin (2002), inspirada

no pensamento complexo, é utilizada para compreender a vivência da doença como processo marcado por ambivalências, oscilações entre ordem e desordem, autonomia e dependência. Essa articulação não apenas interpreta a experiência pessoal, mas também permite situar o vívido num horizonte de reflexão mais amplo sobre o ser humano contemporâneo.

A própria relevância desse estudo se ancora também na dimensão relacional do adoecer e do sobreviver. A mobilização coletiva em favor da vida, expressa nos gestos de solidariedade de familiares, amigos, colegas e até desconhecidos, evidencia que a sustentação da existência extrapola o biológico, consolidando-se nas redes de cuidados, afetos e reconhecimento mútuo. Perspectivas atuais em ciências humanas e sociais enfatizam que o sujeito se constitui nas relações, deslocando a ênfase da autonomia individual para uma ética da interdependência.

O objetivo central deste artigo, portanto, é examinar como a experiência pessoal de doença grave, coma e proximidade da morte, durante a pandemia de COVID-19, pode traduzir novas compreensões sobre a própria identidade, sobre o próprio sujeito, o corpo, a finitude e o significado da vida. Viktor Frankl (1989) compreende que a experiência subjetiva da busca que fazemos na tentativa de sobreviver pode nos projetar a interpretar de que maneira essa experiência dialoga com dimensões culturais, simbólicas e relacionais mais amplas, contribuindo para aprofundar debates sobre subjetividade, saúde e a existência humana.

Edgar Morin (2002) nos ajuda a compreender que ao inscrever a singularidade da própria travessia num horizonte coletivo e teórico em um momento grave do planeta, esta autoetnografia propõe afirmar o valor epistêmico e político da narrativa de si: um caminho para produzir conhecimento ancorado na vida, reconhecendo que, nos limites entre morrer e viver, abrem-se algumas das maiores possibilidades de significado sobre o humano.

METODOLOGIA: A AUTOETNOGRAFIA COMO CAMINHO

A autoetnografia é uma metodologia qualitativa que utiliza a experiência pessoal como instrumento de pesquisa (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011). Diferentemente da autobiografia, não se limita à narrativa de vida, mas busca

compreender as conexões entre o eu e o contexto sociocultural. É, portanto, uma escrita de si que é, ao mesmo tempo, uma escrita do mundo.

Neste estudo, a metodologia se sustenta em três pilares:

1. Memória e narrativa: reconstrução cronológica e simbólica dos acontecimentos vividos.
2. Reflexão teórica: articulação entre o vivido e o pensamento filosófico e existencial.
3. Ressignificação: compreensão do processo como transformação de sentido e identidade.

A autoetnografia se mostra especialmente adequada por possibilitar o encontro entre emoção, corpo, reflexão e sentido, dimensões inseparáveis da experiência humana diante da morte e da esperança.

EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE, CUIDADO E A PRODUÇÃO DE SENTIDO

No final de dezembro de 2020, fui descoberto por sintomas respiratórios que evoluíram rapidamente para um quadro grave de COVID-19. No dia 22, dei entrada no hospital com 25% da capacidade respiratória comprometida, nutrindo a esperança de que aquela internação seria passageira, apenas uma precaução temporária diante de uma doença que seria controlada e não passaria apenas de um mal-estar. A despeito do contexto preocupante de pandemia que nos encontrávamos, mantive uma rotina possível, com as limitações de uma internação, chegando a preparar a tradicional ceia de Natal, já que era dia 24 de dezembro de 2020, com a certeza de que logo estaria em casa, cercado pela família.

Essa previsão otimista se dissolveu poucos dias depois, quando, em 27 de dezembro daquele ano, a minha situação clínica se agravou subitamente. O comprometimento pulmonar saltou para espantosos 90%, obrigando a equipe médica a adotar medidas intensivas, de maneira crescente, intensificando o uso de respiração por ventilação não invasiva (VNI), que se trata de um suporte respiratório, que utiliza pressão positiva, sem a necessidade de intubação.

No dia 31 de dezembro de 2020, enquanto o mundo celebrava a virada do ano, na expectativa de que a ciência pudesse encontrar uma vacina eficaz para refrear o avanço da CONVID 19 e suas variantes, dando as boas-vindas à esperança de um novo ciclo, eu, que já estava internado na UTI, após o uso de

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522207, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2207 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

VNI, por um tempo muito superior ao possível, não suportei mais a falta de ar e então a equipe médica decidiu pela intubação e indução ao coma para preservar a possibilidade de recuperação.

Nesse intervalo forçado entre a vida e a morte, realizei uma série de experiências e vivências que não poderiam ser plenamente explicadas nos termos da própria consciência, mas certamente da linguagem do inconsciente profundo. Foram momentos em que a percepção do tempo, do espaço e do próprio corpo se modificaram, dando lugar a vivências simbólicas e emocionais. Uma das lembranças mais marcantes remonta a um ambiente onírico, que se assemelhava a um tribunal: ali, diante de figuras misteriosas e impessoais, senti a urgência de implorar pela minha permanência no mundo dos vivos, argumentando ser pai de quatro meninos, ainda pequenos, que precisavam de minha orientação e ajuda, da minha esposa que não suportaria conviver com minha ausência e que até os escritos dessas palavras ainda sente o peso dessa experiência.

Minha súplica se baseava principalmente na responsabilidade que sentia como pai. Em resposta, veio uma voz profunda e definitiva: “ELE FICA NA TERRA!”. Essa sentença ecoou em meio ao torpor, tornando-se um marco psíquico entre a permanência e a partida, entre o viver e o morrer, entre a dimensão do incompreendido e do vivido.

Despertei desse estado de coisas em 9 de janeiro de 2021, surpreendido com as memórias ainda vivas do que experimentei entre o delírio e a lucidez, tocando o lençol do leito hospitalar e sentindo sua textura, olhando técnicos e enfermeiros próximos, percebendo o som de uma música que tocava no ambiente, tentando entender e me dando conta que finalmente eu tinha acordado, era uma sensação de vitória, como se eu tivesse saído de um labirinto de imagens e sonhos que não acabavam.

No dia seguinte à retomada da consciência, fui transferido de Porto Velho - Rondônia, hospital AMERON por UTI aérea para o Hospital Santa Lúcia, em Brasília. Permaneço com lembranças tão nítidas do trajeto quanto às emoções físicas e emocionais que me atravessaram naquele momento entre a sobrevivência e a incerteza, a consciência ainda flutuante, devido as diversas medicações, mas os sonhos já eram comuns.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522207, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2207 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

No trajeto do voo foi preciso fazer uma parada estratégica, em Sinop/Mato Grosso pois o aparelho que me mantinha respirando estava com um vazamento e era preciso fazer a troca do cilindro de oxigênio, no entanto o hangar do aeroporto se negou a ceder um dos seus cilindros, mesmo que todo apelo da equipe médica. Foi preciso então fazer uma busca na cidade para achar o produto e como se tratava de final de semana, muitas lojas se encontravam fechadas. Durante esse interstício eu acabei adormecendo, apoiado pela minha esposa, que mantinha o controle para não chorar e não me acordar.

A equipe teve êxito em encontrar, não apenas um, mas vários cilindros, nesse momento acordei e percebi o que estava acontecendo, pois o rosto de alívio da médica era nítido e podemos seguir viagem sem novas intercorrências. A chegada ao destino foi comemorada pela equipe que fez os procedimentos de entrada no hospital dando por encerrada a missão deles.

Fizemos a entrada no hospital e fiquei dois dias em quarentena aguardando o resultado dos exames da COVI para poder ser transferido para a ala da UTI do novo hospital, ainda existia o risco de estar contaminado e era necessário resguardar os demais pacientes em internação. A internação no novo hospital se deu sem grandes intercorrências e pude ter a presença da minha esposa e de uma de minhas irmãs, que acabou sendo contaminada pelo COVID, tendo que retornar para Porto Velho, para se tratar.

Ao longo do período de internação, fui impactado por uma intensa rede de solidariedade. Minha esposa, Thais, mobilizou familiares, amigos, colegas e até mesmo desconhecidos por meio de uma campanha divulgada nas redes sociais e na imprensa. Em apenas três dias, foram arrecadados recursos financeiros fundamentais para viabilizar meu tratamento e transferência via UTI aérea, como já relatado, demonstrando a força do cuidado coletivo em situações limitadas.

Ao voltar para casa, já no fim de janeiro, percebi que minha recuperação não era apenas física. O renascimento que experimentei naquele contexto ressignificou minha forma de compreender a existência. O cotidiano ganhou outra intensidade: o tempo, antes diluído em rotinas previsíveis, passou a ser vívido com maior urgência e profundidade. Sobreviver, para mim, significou reencontrar o sentido do amor, da vinculação e da presença. Escrever é revisitar esse lugar de significados

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522207, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2207 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Reflexões teóricas ampliadas: entre a quase-morte, o cuidado e a produção de sentido

A experiência de quase-morte, tal como vivenciada neste percurso, não pode ser reduzida a um evento exclusivamente biomédico. Ainda que mediada por tecnologias intensivas, ventilação mecânica, sedação, monitoramento contínuo, recursos invasivos, ela se constitui como uma experiência radicalmente existencial, na qual o sujeito é confrontado com os limites da própria condição humana. Trata-se de um limiar em que categorias como tempo, corpo, consciência e identidade deixam de operar nos moldes ordinários, exigindo novas formas de inteligibilidade.

Nesse contexto, a narrativa do "tribunal simbólico" e da enunciação "ele fica na terra" pode ser compreendida não como um dado a ser validado empiricamente, mas como uma produção de sentido diante do indizível. Experiências dessa natureza têm sido discutidas tanto na psicologia, quanto na fenomenologia e ainda na medicina, como formas de reorganização psíquica em situações-limite, nas quais o sujeito, mesmo em estado alterado de consciência, mobiliza recursos simbólicos para sustentar sua permanência na vida. Um chamado à própria existência.

O sentido como ancoragem na fronteira da morte

A leitura proposta por Viktor Frankl ganha, nessa perspectiva, densidade singular. Para Frankl (1989), o ser humano é capaz de encontrar sentido mesmo nas condições mais extremas de sofrimento. No meu caso, esse sentido se materializa de forma concreta e relacional: o desejo de continuar vivo para cuidar da família.

O que se observa não é apenas uma motivação abstrata, mas uma ancoragem existencial. Em termos logoterapêuticos, trata-se de uma orientação para o sentido que transcende o próprio indivíduo, configurando-se como responsabilidade ética diante do outro. A minha fala, "preciso cuidar dos meus filhos", não é apenas um pedido de permanência, mas uma afirmação de pertencimento e continuidade, onde o valor da paternidade se ancora na relação de amor e de cuidado.

Esse olhar para o simbólico, permite compreender a experiência de quase-morte como um campo em que o sentido não apenas orienta a vida, mas

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522207, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2207 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

atua como força de resistência à morte. Ainda que não se possa estabelecer uma causalidade direta, é possível afirmar que a presença de um "porquê" estruturante organiza a experiência subjetiva mesmo em estados de consciência alterada, tal como anunciado por Viktor Frankl, "quem tem um porquê, enfrenta qualquer como" (1989, p.)

CORPO, LIMITE E A EXPERIÊNCIA DA PASSIVIDADE RADICAL

A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1999) oferece um eixo importante para compreender o que ocorre quando o corpo deixa de ser um instrumento de ação e passa a ser um campo de intervenção. Durante a internação em UTI, o corpo é retirado da esfera da autonomia e colocado sob o regime da técnica.

A intubação, a sedação e o coma configuram o que podemos chamar de passividade radical do corpo. O sujeito não age sobre o mundo; ele é atravessado por práticas médicas que visam sua sobrevivência. No entanto, essa passividade não implica ausência de experiência. Pelo contrário, o corpo permanece como lugar de inscrição de vivências intensas, ainda que mediadas por sonhos, imagens e narrativas fragmentadas.

Ao despertar, há uma espécie de "retorno ao corpo", que não é um simples restabelecimento funcional, mas uma reapropriação existencial, tocar, sentir, ouvir. O corpo que retorna não é o mesmo: ele carrega a memória do limite, da fragilidade e da dependência. Esse processo redefine a relação com o mundo, produzindo uma consciência ampliada da própria finitude.

O cuidado como prática técnica e acontecimento ético

A experiência vivida permite uma leitura ampliada do cuidado, para além de sua dimensão técnica. Em diálogo com Michel Foucault, é possível reconhecer que o ambiente hospitalar opera como um dispositivo de biopoder, no qual a vida é gerida por protocolos, decisões médicas e tecnologias. O corpo do paciente torna-se objeto de saber e intervenção e apropriação.

Contudo, reduzir o cuidado a essa dimensão seria insuficiente. O que emerge de forma potente nesta experiência é o cuidado como acontecimento ético-relacional. A atuação da minha esposa, mobilizando recursos, enfrentando conflitos institucionais e organizando uma rede de apoio, revela uma dimensão

do cuidado que escapa à lógica institucional: trata-se de um cuidado implicado, afetivo e insurgente, que enfrenta os próprios limites, atravessando a própria dor.

A arrecadação de recursos financeiros, evidencia a constituição de uma rede ampliada de cuidado, que envolve sujeitos de diferentes esferas (familiares, profissionais, alunos, desconhecidos), em um momento em que todos estão sensíveis e sentem a própria finitude. Essa rede produz um deslocamento importante: a vida deixa de ser apenas um dado biológico e passa a ser um valor compartilhado, que se sustenta coletivamente.

Complexidade, caos e reorganização da vida

A leitura de Edgar Morin (2002) permite compreender a experiência como um processo de desorganização e reorganização. A doença representa a ruptura da ordem, o colapso do corpo, a suspensão da vida cotidiana, a iminência da morte.

Entretanto, é justamente nesse cenário de caos que emergem novas formas de organização: a mobilização afetiva, a reconstrução do sentido, o reposicionamento existencial.

A experiência de quase-morte pode, assim, ser compreendida como um evento complexo, no qual:

- a morte não é apenas fim, mas possibilidade;
- o sofrimento não é apenas destruição, mas transformação;
- a vulnerabilidade não é apenas fraqueza, mas abertura para o outro.

Essa perspectiva rompe com visões lineares e permite compreender o seu percurso como um processo de metamorfose existencial.

A dimensão simbólica da experiência a partir do Mito de Orfeu

O mito de Orfeu oferece uma chave interpretativa particularmente fecunda, na qual essa experiência no coma pode ser lida como uma catástrofe, uma descida ao mundo dos mortos. O “tribunal” e a decisão sobre minha permanência, que evocam estruturas simbólicas profundamente enraizadas na cultura humana, nas quais a morte é mediada por instâncias de julgamento e sentido.

A defesa apresentada, centrada no cuidado com os filhos, reforça a dimensão ética da existência: viver não é apenas persistir biologicamente, mas

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522207, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2207 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

responder a vínculos e responsabilidades. A intervenção da voz que emerge do inconsciente e decreta “ele fica na terra” solidifica o enraizamento nas dimensões de cuidado e ressignificação, operando como mecanismos simbólicos e dispositivos narrativos que redimensiona e reorganizam a experiência subjetiva conferindo retorno à vida.

Assim como Orfeu, que retorna do submundo transformado, a volta à vida não representa uma restauração do estado anterior, mas a emergência de um novo olhar sobre quem sou e o que simbolizo para além de mim, porque quando me olham e conhecem a minha história, também remontam às próprias perdas que eventualmente tiveram. A experiência de quase-morte que vivencio produz uma ruptura inevitável, não se retorna ao que se era, mas se inaugura uma nova forma de existir no mundo.

CONSIDERAÇÕES

A experiência de quase-morte vivida durante a internação por COVID-19, em 2020-2021, evidencia a insuficiência de abordagens que reduzem o adoecimento grave a uma dimensão exclusivamente biomédica. Ao contrário, o percurso analisado revela a necessidade de compreender o fenômeno em sua complexidade, articulando corpo, subjetividade, relações sociais e produção de sentido.

Do ponto de vista existencial, a iminência da morte operou como um dispositivo de revelação. Ao confrontar-se com o limite, emergiu de forma contundente a centralidade do sentido como eixo organizador da experiência. Em diálogo com Viktor Frankl 1989), observa-se que o vínculo com os filhos não apenas constitui um motivo para viver, mas estrutura a própria resistência subjetiva diante da possibilidade de morte. O sentido, nesse contexto, não se apresenta como elaboração posterior, mas como elemento constitutivo da travessia.

No plano da corporeidade, a experiência de intubação e coma tensiona a noção de autonomia do sujeito moderno. A partir da leitura de Maurice Merleau-Ponty (1999), o corpo deixa de ser entendido como instrumento de ação e passa a ser reconhecido como lugar de vulnerabilidade radical. Entretanto, essa condição não implica anulação da experiência, mas sua ressignificação. O corpo, mesmo em estado de passividade extrema, permanece como campo de

inscrição de sentidos, evidenciando que a experiência humana não se reduz à consciência vigil.

No que se refere ao cuidado, a análise permite deslocar a compreensão de um modelo centrado exclusivamente na técnica para uma abordagem ampliada, que integra dimensões éticas e relacionais. Embora o ambiente hospitalar se organize a partir de dispositivos descritos por Michel Foucault (1988), nos quais o corpo é alvo de saberes e práticas regulatórias, a experiência concreta revela que a sustentação da vida ultrapassa tais dispositivos. A atuação da minha esposa, a mobilização de redes sociais e a solidariedade coletiva configuram um campo de cuidado que escapa à lógica institucional, reafirmando a vida como valor compartilhado e valorado.

A partir da perspectiva da complexidade proposta por Edgar Morin (2002), é possível compreender o processo vivido como uma dinâmica de desorganização e reorganização. A doença introduz o caos, desestabilizando estruturas previamente consolidadas; entretanto, é nesse mesmo movimento que emergem novas formas de organização afetivas, simbólicas e existenciais. A sobrevivência, nesse sentido, não representa um simples retorno ao estado anterior, mas a constituição de uma nova ordem.

Por fim, a dimensão simbólica da experiência, interpretada à luz do mito de Orfeu, permite compreender a travessia pela quase-morte como uma descida aos limites da existência. O retorno não se configura como restauração, mas como transformação. A experiência narrada revela que o encontro com a morte produz deslocamentos profundos na forma de compreender a vida, instaurando uma nova relação com o tempo, com os vínculos e com o próprio existir.

Dessa forma, as considerações aqui apresentadas apontam para a necessidade de ampliar os referenciais de análise no campo da saúde e das ciências humanas, reconhecendo que experiências-limite exigem abordagens que integrem dimensão técnica, subjetiva, relacional e simbólica.

CONCLUSÕES FINAIS

Esta autoetnografia buscou analisar, a partir de uma experiência concreta de adoecimento grave e quase-morte, como se produzem sentidos diante da finitude e quais deslocamentos emergem desse encontro com o limite. Ao articular narrativa pessoal e reflexão teórica, o estudo evidencia que a

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522207, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2207 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

experiência vivida não pode ser compreendida de forma fragmentada, exigindo uma abordagem que considere simultaneamente corpo, subjetividade e relações sociais.

A travessia pela doença, pelo coma e pelo retorno à consciência revelou que o viver não se sustenta apenas em condições biológicas, mas em uma rede complexa de significados e vínculos. O cuidado, nesse contexto, mostrou-se como elemento central — não apenas enquanto prática técnica, mas como expressão ética e coletiva de sustentação da vida.

A experiência de quase-morte operou como um marco de ruptura, produzindo uma reconfiguração profunda da existência. O retorno à vida não significou retomada do estado anterior, mas inauguração de uma nova forma de estar no mundo, marcada por maior consciência da finitude, valorização dos vínculos e compromisso com o sentido.

Do ponto de vista acadêmico, este trabalho contribui para o campo das ciências humanas ao reafirmar a potência da autoetnografia como metodologia capaz de acessar dimensões da experiência que escapam a abordagens tradicionais. Ao legitimar a narrativa como forma de produção de conhecimento, amplia-se o entendimento sobre fenômenos complexos, especialmente aqueles relacionados à morte, ao sofrimento e à reconstrução existencial.

Por fim, a experiência analisada aponta para uma compreensão ética da vida: viver passa a ser entendido como um compromisso contínuo com o sentido, com o outro e com o tempo que se tem. A frase que emerge da experiência, “ele fica na terra”, deixa de ser apenas um evento pontual e passa a operar como princípio orientador da existência, evocando a responsabilidade de permanecer não apenas vivo, mas implicado com a própria existência.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à Professora Dra. Elaine Rabinovich, professora da disciplina de que possibilitou a construção e elaboração deste artigo no compartilhamento de textos em sala de aula, para mim foi um momento de elaboração emocional sobre um relato que ainda não tinha tido oportunidade de compartilhar entre colegas do curso de doutorado.

Aos colegas do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado e Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea, minha profunda gratidão

pelas partilhas de textos tão significativos, que espero vê-los em publicações futuras.

REFERÊNCIAS

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, art. 10, 2011. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/36323/ssoar-hsr-2011-4-ellis_et_al-Autoethnography__an_overview.pdf?sequence=1. Acesso em: 3 maio 2026.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. **O Método 1:** A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2002ras